



LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA COMO DESCENTRAMENTO EPISTÊMICO DECOLONIAL

RICARDO VALIM; LENO FRANCISCO DANNER

RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar o papel desempenhado pela literatura indígena brasileira contemporânea como forma de assegurar e legitimar a perpetuação de suas epistemologias. A pesquisa se justifica na revelação de que nestes escritos os autores indígenas brasileiros contemporâneos trazem a sua maneira a passagem da sabedoria ancestral que comunica uma harmonia cósmica da criação em estreita conexão com a apropriação da palavra escrita. Essa transição da palavra falada para a palavra escrita repercute na possibilidade do compartilhamento de cosmovisões e transferência de valores para além de suas próprias fronteiras epistêmicas naturais favorecendo a difusão e fixação de saberes por intermédio da escrita. Os resultados parciais da pesquisa têm revelado que os povos originários não somente tem se preocupado em assegurar seus direitos constitucionais à terra, mas eles mesmos têm procurado demarcar outros espaços, como é o caso da literatura. Esse fato tem ganhado força pois permite aos povos indígenas garantir a perpetuação de suas culturas e tradições através da palavra escrita. Essas vozes da ancestralidade adaptadas ao contexto da literatura têm despertado ressonâncias em outros campos do conhecimento, sobretudo na educação e filosofia, justamente por ser um fio condutor que remete a busca por sabedoria que difere do consagrado modelo epistêmico-normativo ocidental. Este trabalho está ancorado metodologicamente na leitura e análise das obras de autores indígenas brasileiros contemporâneos como: Ailton Krenak (2018); Daniel Munduruku (2016); Davi Kopenawa (2015); Kaká Werá Jecupé (2017), além de contar com o estudo de textos produzidos por pesquisadores acadêmicos como: Leno Francisco Danner (2020); Marco Antonio Valentim (2019). Conclui-se que estes ensinamentos presentes na dialética da tradição oral dos povos indígenas encontram agora espaço fértil para seu fortalecimento, atualização e perpetuação de sua produção de conhecimento que conduz para um engajamento social decolonizador visando transformações sociais em prol dos povos originários e sua subsistência material e epistêmica.

Palavras-chave: Cultura; Autores; Originários; Transcender; Espaços

1 INTRODUÇÃO

Durante séculos os povos originários foram subalternizados e seus conhecimentos ancestrais foram colocados em descrédito por uma mentalidade eurocêntrica e auto referencialista. Pela imposição de uma normatividade epistêmica oriunda de além mar os saberes dos povos originários foram negados e considerados como misticismo, mitologia e afins. Constata-se que estes povos originários sofreram não apenas o extermínio pela violência dos conquistadores e as doenças que com eles traziam, mas sofreram verdadeiros

epistemicídios, ou seja, tiveram suas cosmovisões, suas formas de pensamento, produção de saberes negligenciadas e ocultadas.

No entanto, com o passar do tempo e as transformações sociais decorrentes percebeu-se através da luta dos indígenas por respeito, dignidade e direito à terra que estes povos originários eram detentores de formas de pensar diferente dos padrões eurocêntricos. Em nosso país, por exemplo, sua luta influenciou e ganhou impulso com a elaboração da Constituição Federal de 1988, um marco importante para os povos indígenas através de seus artigos 231 e 232. A geração seguinte se ocupou não somente de assegurar a virtude de tais valores como se empenhou em fazer uso da palavra escrita como instrumento de fixação dos saberes orais oriundos de tempos antigos. Seus valores passam agora a serem transmitidos não somente pela oralidade, mas também pela palavra escrita.

Uma característica importante da literatura indígena brasileira é a sua voz-práxis literária que é marcadamente atuante em defesa dos interesses, tradições, línguas e culturas dos povos originários. Essa voz-práxis, “[...] é, de modo primigênio, auto reconstrução e auto expressão a partir dos seus próprios valores, de suas próprias bases antropológico-ontológicas e existenciais” (DANNER, L.; DANNER, F.; DORRICO, J., 2020, p. 362-363). Essa voz vem ganhando espaços e fomentando laços a partir do entendimento de que para haver mudança é preciso que haja uma comunicação efetiva e afetiva na busca pelo respeito à dignidade intrínseca do ser indígena e de sua auto expressão buscando reafirmar a alteridade.

Elementos como a poética indígena, por exemplo, com seu valor de transcendência, sua crítica social contundente e indômita, com suas imagens, cores, sons e harmonia com o cosmos revelam a todos as epistemologias outras que destoam do pensamento moderno eurocêntrico, provinciano com pretensões de universalidade. Portanto, percebe-se que a literatura indígena brasileira contemporânea prima por um comunicar-se a partir de si mesmo respeitando seu lugar de fala e galgando espaços para que a cada conquista possam auto expressar-se revelando sua profundidade de sentido.

O desenvolvimento desta pesquisa é componente estruturante dos meus estudos sobre filosofia indígena com o tema “Ontologia e Ética no Pensamento Indígena Brasileiro: Análise das Ontologias Tupi-Guarani e Yanomami” no Mestrado Acadêmico em Filosofia, na Linha de Pesquisa em Ética e Filosofia Política Contemporânea da Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR e devidamente institucionalizado junto ao Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (DEPESP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO Câmpus Porto Velho Calama - conforme a homologação 4 do Edital Nº 02/2022/PVCAL - CGAB/IFRO, de 12 de Janeiro de 2022 - edital este de seleção, sem concessão de recursos financeiros e bolsas, destinado à institucionalização de projetos de pesquisa de demanda espontânea, de mestrado, doutorado e projetos aprovados em editais externos com recurso de agências de fomento.

Objetiva-se neste estudo um entendimento sobre este aspecto reflexivo e autêntico de pensar a realidade através da literatura indígena que tem oportunizado um descentramento filosófico, epistêmico e normativo buscando levar ao fim o império hegemônico cognitivo da modernidade.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho está fundamentado na leitura e análise das obras de autores indígenas brasileiros contemporâneos como: Ailton Krenak (2018) que em seu texto lança mão de uma crítica social profunda sobre o passado, o presente e o futuro da humanidade; Daniel Munduruku (2016) que aborda temas autobiográficos mas também lida com questões educacionais referentes aos povos indígenas e sua dignidade; Davi Kopenawa (2015) que

possui uma importante obra em parceria com o francês Bruce Albert na qual explora as temáticas mais sensíveis dos povos Yanomami; Kaká Werá Jecupé (2017) que é um importante autor pelo seu contato com a tradição Guaraní especialmente com a tradição sagrada do Ayvu Rapyta e a filosofia do Bem viver nela contida.

Além destes textos desses autores indígenas brasileiros a pesquisa conta ainda com estudos produzidos por pesquisadores acadêmicos como: Leno Francisco Danner (2020) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) autor de diversos artigos sobre a questão literária dos povos originários e Marco Antonio Valentim (2019) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) que realiza estudos sobre a obra A Queda do Céu de Davi Kopenawa. Também é utilizada nesta pesquisa a obra de León Cadogan (1959) que transcreve para a linguagem ocidental a tradição oral dos Mbyá-Guarani, a saber o Ayvu Rapyta, possibilitando deste modo a conservação de uma tradição oral que remonta a tempos imemoriais revelando sua autenticidade e profundidade normativo-epistêmica. Para composição argumentativa histórica, filosófica e crítica, Enrique Dussel (1993) possibilita explorar questões profundas das problemáticas oriundas do processo colonial nas Américas.

Portanto, trata-se de um estudo teórico-acadêmico que encontra na análise destas obras dos autores supracitados elementos suficientes, como é o caso da voz- práxis literária que reflete uma tendência a um engajamento na luta por uma demarcação de novos espaços que venham a transcender os espaços físicos tradicionais dos coletivos indígenas brasileiros. Ou seja, os povos originários não se ocupam agora de apenas demarcar espaços físicos, mas demarcam para si espaços literários e digitais, mostrando assim sua profunda conexão com as mais variadas possibilidades de comunicação como forma de assegurar e perpetuar suas tradições e identidades.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se fazer uma análise para situar a pesquisa em relação ao estado da arte, nota-se uma produção bibliográfica-intelectual indígena brasileira contemporânea. Autores indígenas e acadêmicos como os já citados são importantes nomes da produção literária intelectual porque possibilitam um aprofundamento da temática dos povos originários e a utilização da língua escrita para comunicar suas tradições e o cuidado com o meio ambiente. Este fato se dá porque através de suas obras, os autores indígenas demonstram a autoridade, autenticidade, atualidade, pertinência, profundidade, beleza e riqueza filosófica destas tradições ancestrais que podem influenciar benéficamente a sociedade de um modo geral e também para a filosofia enquanto tal. Isso é importante porque revela o lugar de fala dos povos originários como sendo dotado de valores epistêmico-normativos próprios até então desconsiderados por uma modernidade eurocêntrica auto referencialista que em sua vã pretensão de universalidade dos saberes nega saberes outros que destoam do que essa mesma perspectiva normativa eurocêntrica considera como verdade.

Também fica claro que as publicações têm possibilitado aos povos originários se situar no tempo e espaço das discussões mais profundas da sociedade, desconstruindo assim aquela ideia romântica e até mesmo mitológica do indígena como um ser selvagem e do passado.

Seus autores se identificam nestas obras como sendo de uma origem específica como por exemplo, Ailton Krenak que leva esse nome por ser de origem da etnia Krenak, assim acontece com Daniel Munduruku e tantos outros que nessa linha afirmam suas identidades culturais. Exemplos como estes afirmam a importância de uma educação intercultural que de fato não venha anular esta ou aquela cultura mas que acaba por enriquecer ambas respeitando suas especificidades. O conceito ontológico de indígena deixa deste modo de ser generalista porque passa a reconhecer a multiplicidade de existências humanas indígenas, suas tradições, suas epistemologias, sua ética, sua filosofia própria.

Neste sentido, nada mais oportuno para a formação intelectual dos indígenas do que uma literatura que esteja alinhada com suas tradições e anseios, como é o caso da produção literária. Seu lugar de fala permite que o ensino transferido tenha mais êxito em sua comunicação, porque faz sentido justamente por que parte da própria realidade dos povos originários. Em suma é uma dinâmica que condiz com a realidade dos povos originários. Sendo assim, entende-se que a apropriação do linguajar ocidental oportuniza uma mudança de horizontes epistêmicos-normativos em que os saberes não se perdem ou se diluem, mas sim, dialogam e possibilitam um diálogo que transcende as meras subjetividades humanas, mas leva os próprios humanos a pensar a sua existência por sobre novas perspectivas enriquecendo assim a nossa humanidade.

4 CONCLUSÃO

Conclui-se após este percurso decolonial por outros saberes que a produção epistêmica indígena brasileira permite, como visto, a sobrevivência das culturas originárias com a literatura, arte e de tantas outras formas de manifestações possíveis. Nota-se a influência deste pensamento seja na esfera acadêmica, e também na informalidade do conhecimento popular.

Outro ponto importante é que fica clara a contradição de um pensamento eurocêntrico-universalista que nega outros saberes por determinar que estes não possuem elementos racionais para a construção dos saberes legitimados pela própria razão ocidental. A realidade que se mostra é bem diferente pois quanto mais proximidade se tem com as culturas originárias haverá tanto mais conexão com nossa verdadeira essência de ser humano. Essência esta que conduz para o seio da natureza em que não há privilégios e dissociações. Pois, entende-se o ser humano como parte de algo muito maior do que si mesmo e que aponta para uma coletividade com a natureza, com outros seres, uma expressão de busca de um bem viver em harmonia profunda com o cosmos circundante e com a humanidade. Isso porque a literatura indígena presta o serviço de formação não somente para os próprios indígenas, mas também para a formação de toda a sociedade em relação aos povos originários como forma de desconstruir velhos mitos acerca de suas existências.

Através da literatura indígena é possível conhecer outras realidades culturais e outros povos presentes no Brasil. Com a literatura indígena além de conhecer essa dinâmica cultural também passa-se a conhecer seus autores, suas histórias, filosofias e cosmologias. Isso porque seus escritos têm uma fonte anterior enraizada na cultura originária dos povos indígenas. A literatura não é um momento separado da existência destes povos, mas sim uma continuidade. Cantos, danças, grafismos e outras expressões artísticas revelam a profundidade do ser que demarca assim seu lugar de fala e com a autoridade que lhe é peculiar neste contexto.

Portanto, entende-se que a literatura indígena brasileira contemporânea como descentramento epistêmico decolonial compreende os ensinamentos presentes na dialética da tradição oral dos povos indígenas. Neste sentido, encontram agora espaço fértil para seu fortalecimento, atualização e perpetuação de sua produção de saberes via uma poética-literária-filosófica que vai além das entrelinhas e que conduz para um engajamento social decolonizador visando transformações sociais em prol dos povos originários e sua subsistência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 09 nov 2022.

CADOGAN, León. Ayvu Rapyta – Textos Míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. Boletim Nº 227/antropologia nº 5. São Paulo: USP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1959.

DANNER, Leno Francisco; DANNER, Fernando; DORRICO, Julie. A ALTERIDADE NA LITERATURA: Da voz-práxis Da Diferença como Literatura – O caso da Literatura Indígena Brasileira Contemporânea. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 14, nº 2, p. 360, 2020. DOI: 10.22456/1982-6524.105664. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/105664>. Acesso em: 27 jul. 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Decolonialidade, Lugar de Fala e Voz-Práxis Estético-Literária: Reflexões desde a literatura indígena brasileira. Alea, vol. 22, nº 1, pg. 59 a 74, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/alea/article/view/33525>. Acesso em: 13 set 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie, & DANNER, Fernando. Literatura indígena entre tradição ancestral e crítica do presente: sobre a voz-práxis indígena em termos estético-literários. Scripta, vol. 24, nº 50, pg. 205 a 256, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2020v24n50p205-256>. Acesso em: 15 nov 2022.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie. Literatura de Minorias como crítica do presente e politização radical: reflexões sobre a literatura indígena brasileira. Revista Crioula, [S.l.], nº 21, pg. 197 a 233, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/143341>. Acesso em: 15 nov 2022.

DUSSEL, Enrique. 1492 O Encobrimento do Outro – A Origem do Mito da Modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

JECUPÉ, Kaka Werá. A Terra dos Mil Povos – História Indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

JECUPÉ, Kaka Werá. O Trovão e o Vento – Um caminho de evolução do xamanismo tupi-guarani. São Paulo: Polar, 2017.

KRENAK, Ailton. A Potência do Sujeito Coletivo – Parte I [entrevista concedida a Jailson de Souza Silva]. Revista Periferias – O paradigma da potência, p. 1-21, v. 1, n.1, 2018. Disponível em <http://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>. Acesso em 30 ago 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A Queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. Memórias de Índio – Uma quase autobiografia. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

MUNDURUKU, Daniel. O Caráter Educativo do Movimento Indígena Brasileiro (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

VALENTIM, Marco Antonio. Descolonização Metafísica: Esboço de Manifesto Contra-Filosófico. Revista do NESEF, Curitiba v. 8, n 1, p. 9 – 23, jan-jul 2019.